

profundidade. O movimento final nos reserva uma surpresa desconcertante: o tema principal, exposto logo de início pelo violino, está assentado na forma regular de um *menuetto*, mas a seção intermediária, na contrapartida menor da tonalidade fundamental do concerto – lá maior, soa bastante exótica, quase um hiato... Um ar de melodias magiares e algum som turco compõem as referências desta curiosa passagem. Na verdade, Mozart aqui faz um recorte da sua própria obra, trabalhando sobre o tema original de um balé anterior *Le gelosie di seraglio* e, prefaciando desta maneira incursões do mesmo gênero como as da *Sonata em Lá Maior, K 331* e a própria ópera *O Rapto no Serralho*.

Gustav Mahler

(Kalischt, 7/7/1860 –
Viena, 18/5/1911)

Sinfonia nº 1, em Ré Maior, “Titã”

Autodefinindo-se muitas vezes como um compositor “de fins de semana”, Mahler só conseguiu completar esta *Sinfonia em Ré Maior* durante um período de repouso, em 1888. Já nesta época, o regente havia tomado frente ao compositor. A maneira como Mahler explorava as partituras que regia, com meticulosidade de relojoeiro, foi o fator decisivo para a sua ascensão vertiginosa como regente. Com pouco mais de 28 anos, já havia sido diretor musical dos teatros nacionais de dois grandes centros europeus, Praga e Budapeste. Regeu também a *Valquíria* e *Sigfried*, em 1887, na primeira montagem completa do *Anel dos Nibelungos*, de Wagner – em função de problemas de saúde do lendário Arthur Nikisch. Em pouco tempo, a sua fama como regente igualou-se à de antecessores ilustres como von Bülow, Richter, Levi ou o próprio Nikisch. E, até mesmo o sempre mordaz Brahms declarou – a propósito da estada de Mahler na Ópera Real de Budapeste – que “só em Budapeste sabe-se montar uma obra com toda a sua grandeza”. Essa preeminência do regente e a atividade febril nos teatros europeus foram as principais responsáveis pelo